

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO: LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA KUABA

TERMO DE APROVAÇÃO

PROCESSO DE LETRAMENTO NOS ANOS FINAIS

KARINA RUTH DA CUNHA RODRIGUES SÔNIA
MARIA DA CUNHA RODRIGUES RAFAELA
FERNANDES MIRANDA

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Graduação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba tendo sido aprovado pela Banca Examinadora composta pelos professores:

Banca Examinadora:

Prof. Dr Alexandre Vale
Orientador - UFC

Prof. Dr. Paulo Sérgio Bessa Linhares
Antropólogo - UFC

Prof^a. Ms. Juliana Alves Antropóloga –
PPGA – UDC - UNILAB

CAUCAIA, 13 DE DEZEMBRO DE 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C1p CUNHA RODRIGUES ; MIRANDA ; CUNHA RODRIGUES., KARINA RUTH DA ; RAFAELA FERNANDES ; SÔNIA MARIA DA ;

Processo de Letramento nos Anos Finais / KARINA RUTH DA ; RAFAELA FERNANDES ; SÔNIA MARIA DA ; CUNHA RODRIGUES ; MIRANDA ; CUNHA RODRIGUES.. – 2023.
24 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Me. Alexandre Vale.

Coorientação: Prof. Me. Dr. Paulo Sérgio Bessa.

1. DIFICULDADE. 2. LEITURA. 3. ESCRITA. 4. FORMAÇÃO. 5. DESAFIOS. I. Título.

CDD 020

**RODRIGUES, Karina Ruth da Cunha, MIRANDA, Rafaela Fernandes &
RODRIGUES, Sônia Maria da Cunha. Processo de Letramento nos Anos Finais.**

PROCESSO DE LETRAMENTO NOS ANOS FINAIS

Karina Ruth da Cunha Rodrigues¹
Rafaela Fernandes Miranda²
Sônia Maria da Cunha Rodrigues³

RESUMO

O artigo aqui apresentado tem como tema Processo de Letramento nos Anos Finais, buscando uma análise coerente sobre o tema com aprofundamentos lógicos e serenidade do estudo. Um estudo qualitativo, tendo como objetivo geral aprofundar-se no trabalho pedagógico com o universo da leitura tendo como finalidade, a formação de leitores competentes, proficientes, e, conseqüentemente, a formação de escritores, hábeis e capazes de produzir textos eficazes. Os objetos da leitura e escrita são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e compreender. Percebe-se que os alunos precisam de motivação para praticar a leitura com prazer, a leitura deixará de ser uma prática enfadonha para alguns e poderá se torná-la um desafio estimulante para outros. Um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Esta pesquisa fundamenta-se em uma metodologia qualitativa, pautada em autores como: KLEIMAN (2001), MICOTTI (2009), SOLÉ (1998), SOARES (2010), entre outros especialistas que por meio de seus estudos contribuíram para o desenvolvimento deste artigo.

Palavras-Chave: Dificuldades, Leitura, Escrita, Formação, Desafios.

ABSTRACT

The article presented here has as its theme Literacy Process in the Final Years, seeking a coherent analysis on the subject with logical deepening and serenity of the study. A qualitative study, with the general objective of deepening the pedagogical work with the universe of reading, with the aim of training competent, proficient readers and, consequently, training writers who are skilled and capable of producing effective texts. The objects of reading and writing are elements that must be taken into account when it comes to teaching children to read and understand. It is noticed that students need motivation to practice reading with pleasure, reading will no longer be a boring practice for some and may become a stimulating challenge for others. One of the multiple challenges to be faced by the school is to make students learn to read correctly. This research is based on a qualitative methodology, based on authors such as: KLEIMAN (2001), MICOTTI (2009), SOLÉ (1998), SOARES (2010), among other specialists who, through their studies, contributed to the development of this article.

Keywords: Difficulties, Reading, Writing, Training, Challenges.

¹Karina Ruth da Cunha Rodrigues, Rafaela Fernandes Miranda, Sônia Maria da Cunha Rodrigues, concludentes do curso de Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC.

INTRODUÇÃO

Os alunos dos anos finais apresentam dificuldades de leitura e escrita com relação ao processo da aprendizagem envolvendo as diversas áreas do conhecimento. E de acordo com pesquisas realizadas as dificuldades podem estar relacionadas à falta de envolvimento do leitor com as informações do texto, para isso é necessário que haja uma interação entre o texto e o leitor. Colaborando para que novas aprendizagens sejam desenvolvidas no interior da escola.

Isso é de fundamental importância para o processo com relação as dificuldades e o seu conhecimento de mundo e por isso possa ajudá-lo a alcançar a compreensão do texto. Os conhecimentos do leitor são chamados de conhecimentos prévios. Este é a informação que o leitor possui em relação ao sistema de escrita e da língua, as estruturas textuais, a familiaridade com o assunto do texto e o seu conhecimento de mundo.

O presente artigo se justifica por mostrar a importância de se estudar as Dificuldades de Leitura e Escrita em alunos dos Anos Finais, uma vez que as dificuldades faz parte da vida da criança e esta aprende através de direcionamentos dentro de um contexto de aprendizagem.

O referido trabalho tem como objetivo geral conceituar e compreender as dificuldades à partir de uma ação significativa à luz da visão de alguns teóricos a respeito do trabalho desenvolvido pelo professor criativo. Quanto aos objetivos específicos: refletir sobre o uso da leitura e escrita no desenvolvimento cognitivo da criança, construir uma análise da contribuição que estas representam enquanto recurso pedagógico indispensável no desenvolvimento do ensino aprendizagem.

A pesquisa é de natureza qualitativa por valorizar e compreender o fenômeno investigado sem preocupar-se com o quantitativo, já que os resultados são apresentados descrevendo o valor atribuído à leitura e escrita apontados e coletados sob o pensamento de SOLÉ (1998), SOARES (2010), MORAIS (2004), KLEIMAN (2001), COLOMER (1991), MICOTTI (2009), dentre outros.

O trabalho pedagógico com o universo da leitura tem como finalidade, a formação de leitores competentes, e, proficientes, conseqüentemente, a formação de escritores hábeis e capazes, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, e envolve o processo de escrita, espaço de construção da intertextualidade, relação entre o texto e o contexto, o leitor e a produção escrita.

A leitura por um lado nos fornece a matéria-prima para a escrita. Por outro encaminha ao desenvolvimento da escrita significativa. A leitura é um processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos e do seu conhecimento sobre o assunto que almeja desenvolver.

Formar um leitor competente supõe formar sujeito que compreende o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos que estabeleça relação entre o texto que se lê e outros textos já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, e que é possível justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Presentes nos mais diversos gêneros textuais que circulam na sociedade.

Apesar de todos os esforços para que o aluno adquira o hábito de ler por prazer tenha levado a refletir e pesquisar a verdadeira causa dos alunos apresentarem as imensas dificuldades de leitura e escrita, na perspectiva de encontrar os meios eficazes que possam solucionar as várias dificuldades com relação à leitura e a escrita ajudando-os a construir conhecimentos e habilidades de forma prazerosa e palpável no cotidiano educacional. Diante das preocupações apresentadas, surge a impressão de que a leitura vem ocupando o espaço de uma atividade qualquer, sem função social e formadora. Embora sempre haja o questionário o que é leitura? Para que serve a leitura na escola? Como avaliá-la? Estão os professores aptos a lidar com o ensino da leitura e da escrita? Qual a importância da leitura e da escrita nas propostas educativas? Como desenvolver o aspecto leitor e escritor no contexto educacional?

Nesse sentido, o presente artigo tenderá para uma reflexão mais sólida acerca das causas principais das dificuldades em torno da leitura e da escrita nos anos iniciais, buscando os possíveis caminhos para sanar ou mesmo minimizar os problemas em torno da aquisição de leitura e escrita no contexto educacional. Apresentando o processo de construção de leitura, bem como os tipos de leitura e suas dificuldades, no contexto educacional, buscando refletir o processo da escrita com níveis de escritas e suas respectivas dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita nos anos iniciais.

O artigo aqui apresentado está organizado em dois capítulos onde o primeiro trata do processo de leitura, ainda dentro do mesmo é abordado os tipos de leituras, como também as dificuldades de leitura e escrita, já o segundo traz um contexto sobre o processo da leitura no espaço escolar e a formação leitora do aluno nesse espaço.

2. O PROCESSO DE LEITURA

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, neste processo tenta-se satisfazer obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam sua leitura.

A leitura envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade.

O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar: procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo), informar-se sobre um determinado fato (ler um livro de consulta sobre a Revolução Francesa), confirmar ou refutar um conhecimento prévio, aplicar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho etc.

2.1 Tipos de Leitura

Para aprendermos a ler ou realizar algumas tarefas, é preciso que tenhamos força de vontade para alcançarmos os objetivos, com relação a aprendizagem no processo de leitura, afirmamos o fato de que o leitor constrói o significado do texto. Os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e compreender.

Nesta compreensão intervém tanto o texto, sua forma e conteúdo como leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e apontar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias, precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas. Para que as crianças aprendam a assimilar os conhecimentos transmitidos pelos adultos, é preciso se envolver com o ambiente, para que deixe um clima bom para que haja uma interação entre leitores adultos e as crianças.

A partir da perspectiva construtivista, existem dois tipos de conhecimento, que se dão antes e durante a escolarização. Segundo Solé (1998, p.90), ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas.

Ler é, sobretudo, uma atividade de exploração voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler.

A leitura deve ser avaliada como instrumento de aprendizagem. Os alunos não vão acreditar que ler - em silêncio, só para ler, sem ninguém lhes perguntar sobre o texto, nem solicitar nenhuma outra tarefa referente ao mesmo – tenha a mesma importância que trabalhar a leitura, ou qualquer outra coisa, se não virem o professor lendo ao mesmo tempo em que eles. É muito difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura consiga transmiti-lo aos demais.

A leitura não deve ser considerada uma atividade competitiva, através da qual se ganha prêmios ou se sofrem sanções. Assim como os bons leitores refugiamos na leitura como forma de evasão e encontramos prazer e bem-estar nela, os maus leitores fogem dela e tendem a evita-la.

Existem vários tipos de leitura, para usá-las é necessário articular em diferentes situações, seja ela, oral, coletiva, individual, silenciosa ou compartilhada, precisamos encontrar os textos adequados para alcançar os objetivos propostos em cada momento. Ressaltam acertadamente Colomer, (1991, p. 45), seria mais produtivo dedicar boa parte do tempo atualmente dedicado nas escolas a oralizar os textos, a discutir e comentar o que e como ele foi lido, que se pretendeu etc. As autoras também indicam que a leitura em voz alta deveria sempre corresponder a um propósito real: comunicar algo escrito aos demais que necessitam do texto, pois se o tem é francamente absurdo ter que escutar como os outros leem.

A motivação está intimamente relacionada às relações afetivas que os alunos possam ir estabelecendo com a língua escrita. Esta deveria ser mimada na escola, e mimados os conhecimentos e progressos das crianças em torno dela. Para que as crianças se sintam envolvidas na tarefa de leitura ou simplesmente para que se sinta motivada com relação a ela, precisa ter alguns indícios razoáveis de que sua atuação será eficaz, ou pelo menos, que ela não vai consistir em um desastre total.

Diante das pesquisas realizadas, percebe-se que as crianças precisam de motivação para praticar a leitura com prazer, a leitura deixará de ser uma prática enfadonha para algumas e poderá se torná-la um desafio estimulante para outros, é necessário que se trabalhe com projetos que incentivem o gosto pela leitura e que deixem o leitor avançar e, seu próprio ritmo para r elaborando sua própria interpretação.

Ler para obter uma informação precisa é a leitura que realizamos quando pretendemos localizar algum dado que nos interessa. Este tipo de leitura caracteriza-se pelo fato de que na busca de alguns dados ocorre concomitantemente o desprezo por outros.

Não poderia ser de outra maneira, pois caso contrário, nossa atuação seria muito pouco eficaz. O ensino da leitura para obter uma informação precisa requer o ensino de algumas estratégias sem as quais este objetivo não será atingido.

É preciso conhecer a ordem alfabética e saber se realmente estão organizados em ordem, também deve-se saber que os jornais destinam páginas especiais aos espetáculos e que geralmente existe um índice para mostrar o número da página em que se encontra a informação buscada.

Contudo, os textos a serem consultados para obter as informações precisas podem ser muito variados. Podemos afirmar que este tipo de leitura caracteriza-se por ser muito seletiva. Ler para seguir instruções, este tipo de leitura é um meio que deve nos permitir fazer algo concreto: ler as instruções de um jogo, as regras de uso de um determinado aparelho, a receita de uma torta, as orientações para participar de uma oficina de experiências etc.

Quando lemos com um de saber como fazer e compreender o texto lido ou fazer uma leitura coletiva, deve-se garantir que essa compreensão seja compartilhada. Assim, no caso anterior, o leitor seleciona o que precisava ou não ler, enquanto agora é absolutamente necessário ler tudo e compreendê-lo, como requisito para atingir o fim proposto.

A tarefa de leitura é completamente significativa e funcional, a criança lê porque é preciso e, além disso, tem a necessidade de controlar sua própria compreensão. Não é suficiente ler, mas garantir a compreensão do que se leu (SOLÉ, 1998, p.94). Tendo em vista, a leitura de instruções, receitas ou regras de funcionamento etc. É um meio para incentivar os leitores a compreender as orientações lidas que devem ser compartilhada.

Ler para obter uma informação de caráter geral – esta é a leitura que fazemos quando queremos “saber do que se trata” um texto, “saber o que acontece”, ver se interessa continuar lendo.

Quando lemos para obter uma informação geral, não somos pressionados por uma busca concreta, nem precisamos saber detalhadamente o que diz o texto, é suficiente ter uma impressão, com as ideias mais gerais. Poderíamos dizer que é uma leitura guiada sobretudo pela necessidade do leitor.

A leitura pode ser caracterizada como uma atividade de integração e conhecimentos contra a fragmentação. Devido a abertura que o texto proporciona ao leitor para relacionar o assunto que está lendo a outros assuntos que já conhece, ela favorece no plano individual, a articulação de diversos saberes. Entretanto, a fragmentação do saber relaciona-se diretamente com a divisão do trabalho que a escola reproduz sob múltiplas formas inclusive na leitura (KLEIMAN, 2001, p. 30).

No caso das matérias, muitas vezes somos mais drásticos: dependendo do autor do título e das colunas que ocupa, podemos decidir se vamos lê-la ou não. Este tipo de leitura, muito útil e produtivo, também é utilizado quando consultamos algum material com propósito concreto, geralmente lemos com todos os detalhes o que nos dizem sobre o mesmo, diversas obras e enciclopédias, livros de ficção etc. antes de nos decidirmos a ler em profundidade de obras capazes de nos ajudarem em nossa tarefa, tentamos ter uma visão ampla delas e depois selecionamos o que mais nos interessa.

Este tipo de leitura é muito usado nas escolas, em trabalhos sobre determinados assuntos, sobretudo em algumas áreas, mas que geralmente se ensina, porque não se criam as ocasiões em que ele deve ser feito, o incentivo da leitura é essencial para o desenvolvimento da “leitura crítica”, em que o leitor lê segundo seus próprios interesses e propósitos formando uma impressão do texto, e sabe tanto o que tem que ler com relação a eles quanto o que pode opor-se. Micotti (2009, p. 34) considera que este é o tipo de leitura mais elevado, cuja aprendizagem, no caso de ser realizada nunca termina.

Assim, seria desejável que ocupasse na escola um lugar maior do que geralmente lhe é concedido, pois com ele o aluno assume plenamente sua responsabilidade como leitora. Vale ressaltar que os tipos de leitura são de suma importância para o aprendizado dos alunos sejam elas com funções diferentes, lúdica, de cartazes, de etiquetas, de jornais, de instruções, e leitura em voz alta todas tem efeitos positivos sobre o desenvolvimento educacional.

2.2 Dificuldades na leitura

A leitura na Escola é um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isso é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir como autonomia nas sociedades letradas e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

A preocupação que estas cifras podem provocar e agravar-se ainda mais quando acrescentamos a elas os dados relativos ao número de “analfabetos funcionais”, pessoas que, apesar de terem frequentado a escola e tendo “aprendido” a ler e escrever, não podem utilizar de forma autônoma a leitura e a escrita nas relações sociais ordinárias.

Por outro lado, as frequentes referências da mídia aos poucos aficionados pela leitura existente em nossos pais e a publicação de estatísticas de venda de livros e de jornais também constituem um claro expoente de que não utilizamos a leitura tanto quanto poderíamos e que, de qualquer forma, não lemos muito. De acordo com as pesquisas realizadas é preciso que os professores tenham conhecimentos sobre o processo de leitura, bem como as estratégias e habilidades desenvolvidas pelo leitor, para poderem decidir com eficácia como ensinar a leitura, é preciso compromisso com a formação de leitores.

Por isso, um dos pontos a ser citado, relacionado com as dificuldades que envolvem a leitura na escola, é o conhecimento desvinculado da prática muito comum nas salas de aula, que limita os alunos a práticas desmotivadoras, sem sentido e os leva a serem menos dependentes de modelos tradicionais de ensino. Afinal, tudo o que entendemos sobre o mundo é uma síntese de nossas experiências. As crianças também possuem suas próprias experiências e por isso se sentem inseguras ou confusas diante de situações que não tem sentido para elas.

Morais (2004, p. 43) afirma que a razão a criança ainda se encontra insegura em suas teorias de mundo é porque ainda não pôde ter muito tempo para tornar suas teorias complexas, mas essas funcionam muito bem no mundo infantil em que vivem. Diante essa afirmação, vale ressaltar o pensamento desse autor, quando ele focaliza em que situação as crianças não conseguem encontrar significado para suas hipóteses. “A primeira ocasião em que muitas crianças se encontram em uma situação na qual não conseguem estabelecer relações com algo que já conhecem, quando ficam realmente perplexos é quando chega à escola”.

As práticas de leitura dependem do grau de conhecimento que um professor tenha a este respeito. Deste modo, relembremos algumas informações importantes: “há um limite rigoroso para a quantidade de informação visual com a qual o cérebro pode lidar; o cérebro pode muito facilmente ficar sobrecarregada pela informação visual, e então a habilidade para ver ficará limitada e pode até cessar por alguns instantes” (MORAIS, 2004, p. 22).

Compreender quais as dificuldades que o aluno enfrenta ao ler um texto exige ainda compreender, pelo menos um pouco, a atuação da memória no processo de leitura. A memória desempenha um papel importante em leitura, mas não apresenta um único aspecto.

Assim, saber que a memória de curto prazo é uma espécie de reservatório de pouca duração, que nos possibilita encontrar sentido no que estamos fazendo no próprio momento de realização de determinada operação, ajuda-nos a compreender por que, às vezes, não nos contentamos com o que observamos.

É comum, em práticas de leitura, o aluno logo após esse tipo de atividade dizer que não lembra o que leu, ou, então, pedir para “olhar outra vez” para poder atender ao que lhe foi solicitado. Não é que a leitura, a compreensão do que foi lido, dependa da visão. É porque, em situações de tensão, de preocupação com o que é preciso decodificar, o leitor termina por esquecer o que leu. A memória de curto prazo também se faz sentir quando um leitor lê com pouca fluência, fazendo pausas, dificultando a compreensão do material lido. Isto traz também implicações para a retenção de informações na memória de longo prazo.

Por outro lado, por conter o conhecimento relativamente permanente que temos do mundo, a memória de longo prazo poderia ser a solução para todos os problemas observados na memória de curto prazo, pois, diferentemente desta, é ilimitada e tem capacidade para expandir-se sempre.

Ocorre que a memória de longo prazo também apresenta alguma limitação que convém conhecermos. As informações são “arquivadas” na memória de longo prazo não como uma espécie de memorização, mas como algo pode ser recuperado posteriormente.

Apesar de a memória de longo prazo ser organizada, estruturada, as informações não são acessíveis ao leitor de imediato. Não é como abrir uma gaveta e retirar conteúdo. Para recuperar o que foi guardado na memória de longo prazo, necessitamos ativá-la primeiro, mas de modo organizado, pois “é somente através da organização que a informação pode ser estabelecida na memória de longo prazo, e é somente através da organização que ela pode ser recuperada novamente”.

Frente ao pensamento, é preciso que o professor ao tomar conhecimento dessas informações, jamais deixe de promover práticas de leitura na escola, que estimulem o gosto pela leitura e faça com que conheçam os conhecimentos de seus alunos. Dessa forma, Solé (1998, p. 45) considera que as estratégias de compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeavam para atingi-los, assim como sua avaliação é possível mudança.

Uma vez que as estratégias envolvem o cognitivo e o meta-cognitivo, no ensino, elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis, ou habilidades específica. O que caracteriza a mentalidade estratégica é a sua capacidade de representar e analisar os problemas e a sua flexibilidade para encontrar soluções. Portanto, ao ensinarmos estratégias de compreensão leitora aos alunos, aconselha-nos Solé, (1998, p. 25) deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leituras múltiplas e variados.

Diante das pesquisas realizadas, nota-se que as estratégias são responsáveis pela a construção de uma interpretação para o texto, depende de como o leitor faz o uso dessas estratégias, pois permite ao leitor intensificar a compreensão e a lembrança do que lê, bem como detectar os possíveis erros ou falhas de compreensão. Segundo Soares (2010, p.19), para o domínio da língua, é importante que “o indivíduo tenha acesso às formas textuais, tanto por meio da leitura como por meio da produção escrita. Tais experiências com a linguagem contribuem para a formação dos cidadãos críticos e culturalmente preparados”. Nesse sentido, precisamos de meios para superar os problemas enfrentados nessa etapa da escolarização, que é o ensino nos anos iniciais, que se referem às dificuldades de leitura e escrita.

2.3 Dificuldades na Escrita

A escrita alfabética é uma invenção cultural da humanidade e sua apropriação não parece depender muito da maturação biológica. Se encontramos, no dia a dia, algumas crianças que, antes de seis anos, já estão alfabetizada, continuamos, infelizmente, conhecendo, também, a cada ano pessoas que chegaram à idade, sem aprender aquilo que para algumas crianças pequeninas pareceu muito fácil: O sistema alfabético.

Constataram que elas viviam o mesmo percurso evolutivo, mas que os alunos de meio popular tendiam a percorrer mais lentamente as etapas da psicogênese da escrita. Como a escrita é uma invenção recente e, ao que tudo indica o genoma humano ainda não contém genes específicos para o seu aprendizado, precisamos estar alertas para o fato de que as crianças pobres não são geneticamente programadas para aprender mais devagar.

Para superar certos preconceitos e mentalidades que aceitam como “natural” alunos da escola pública poderem não estar ainda alfabetizados aos oito anos de idade, os educadores (docentes, gestores e formuladores de políticas educacionais) precisam considerar que o ritmo de apropriação do sistema de escrita alfabética tende a dependência bastante das práticas de ensino que a escola desenvolve.

Na realidade, em nosso país, dispomos de dois tipos de evidências de pesquisas que nos ajudam a compreender porque as oportunidades sociais são tão importantes no aprendizado do SEA (Sistema de escrita alfabética).

Por um lado, temos dados demonstrando que os alunos de meio popular, em geral, não só entram no ensino fundamental com hipóteses de escrita menos desenvolvidas que seus pares de classe média, mas que também, proporcionalmente, concluem o primeiro ano de ensino fundamental tendo avançado menos que as crianças de meios mais favorecidos. (MORAIS,2004, p.48).

De acordo, com as pesquisas realizadas constatamos que os conhecimentos sobre a escrita nos anos iniciais, está no nível alfabética entorno de sessenta crianças com quatro, cinco e seis anos alunos de escola pública, enquanto crianças da classe média ainda revelava uma hipótese Pré -silábica tão primitiva. Com a teoria criada por Ferreiro e Teberosky (1989, p. 23), aprendemos que os métodos tradicionais de alfabetização tinham uma visão errônea sobre a atividade do aprendiz.

Descobrimos ainda que a escrita não é um código que não é da noite para o dia, recebendo informações prontas, transmitidas pelo adulto? As crianças passam a usar letras para escrever ou ler palavras que não memorizaram.

Aprendemos, também, com a teoria da psicogênese, que o processo de letramento, ou imersão das crianças no mundo da escrita, começa fora da instituição escolar, bem antes do ano de alfabetização, e que deve-se bem conduzido na escola, e pela escola, desde a educação infantil. Ao assumir tal tarefa, a escola estará colaborando para reduzir desigualdade sociais, viabilizando que as crianças cedo se apropriem dos gêneros textuais escritos, de modo a que possam compreendê-los e produzi-los (TEBEROSKY,1989, p. 67).

A partir da teoria da psicogênese da escrita passamos a ver que muitos erros de nossos aprendizes não são indicadores de patologia.

Assim como uma criança silábica ou silábico-alfabética não apresentaria uma dislexia na qual omitiria letras (o adulto que não compreende a psicogênese é que não saberia interpretar o que ela escreve), passamos a ver que “treinar” a emissão de fonemas não seria a forma adequada de ajudar todas as crianças com dificuldades ortográficas a escrever.

A escrita e a sua cultura são importantes patrimônios da humanidade, portanto, direitos da criança. Quando cuidamos do contato das crianças com a escrita, tratamos de incluí-las na cultura escrita, acolhendo suas diferentes práticas sociais e o sentido que isso tem para elas.

Cuidamos para que tenha acesso à complexidade da linguagem verbal, por meio de um processo criativo, tomando para si uma das mais importantes heranças culturais, responsável por mudanças no modo como as sociedades se organizaram, com reflexos no próprio modo de pensar das pessoas.

Para minimizar a dificuldade com relação à escrita é preciso que na escola o professor trabalhe com reescrita de contos, pois assim as crianças podem conhecer outras práticas que envolvem demais funções da escrita e suas finalidades, é um processo lento, mais nada é impossível quando o professor se determina a combater essa tamanha dificuldade.

O importante é que os processos de escrita, chame a atenção dos aprendizes, com a finalidade de se comunicar ou até mesmo se expressar diante de várias situações no meio escolar. A escrita é um sistema gráfico que está “no lugar” da linguagem “no lugar” das unidades sonoras mínimas da linguagem.

3. O PROCESSO DA LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR

O presente capítulo busca refletir como se dá o processo da leitura no espaço escolar despertando entre suas partes maior possibilidade de uma educação leitora voltada para o exercício da cidadania colaborando para que possamos construir uma educação significativa compartilhada entre os segmentos que compõem a comunidade escolar em virtude de uma proposta pedagógica adequada que permite novos conhecimentos e novas descobertas em prol de seu crescimento intelectual frente suas necessidades básicas.

Cada vez mais a escola tem buscado investir em ações pedagógicas que possam de fato contribuir com o processo de construção dos conceitos e habilidades de aprendizagens que promovem o processo educacional em busca por uma educação que possa de fato colaborar com o desenvolvimento da aprendizagem em virtude de uma ação coletiva aberta as novas mudanças existentes no contexto social na qual se encontram nossos alunos.

Diante da realidade exposta é fácil perceber que maior parte do tempo e de esforço gasto por professores e alunos durante o processo escolar, na assim chamada aula de Língua Portuguesa é destinada à aprendizagem da metalinguagem de análise da língua, com alguns exercícios de língua propriamente ditos.

Uma coisa é saber a língua, isto é, dominar habilidades de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados a diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagem a partir dos quais se fala sobre a língua e se apresenta suas características estruturais de uso (GERALDI, 2003, p.65).

Com base nesse direcionamento tomado pela escola, cabe a esta instituição responsável pelo processo ensino aprendizagem contribuir com o processo de desenvolvimento do aluno, no que se refere ao desenvolvimento de suas habilidades e competências de aprendizagens em prol de uma educação centralizadora e eficaz que contribui nas tomadas de decisões e se propõe nas novas decisões tomadas no espaço escolar diante de seu papel educativo.

Diante da realidade exposta, o artifício do uso da linguagem compromete e dificulta a aprendizagem na escola de uma língua comprometida com o desenvolvimento da aprendizagem colaborando para que os alunos usufruam de uma aprendizagem significativa em virtude de uma educação transformadora e eficiente.

Comprovar esta artificialidade é mais simples que se imagina. Na escola os textos trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa ou mesmo quando os alunos se dirigem a sala de leitura, grande parte destas vivências realizadas são ações nas quais são lidas apenas para responder questões previamente elaboradas pelo professor sem ter um planejamento pedagógico capaz de despertar no aluno o gosto pela escrita e pela leitura de forma eficiente.

A ação didática em torno da leitura objetiva a formação de um leitor que possa de fato contribuir com seu êxito linguístico, e chamamos essa prática bastante presente no espaço escolar de compreensão textual, muitas vezes apresentada de forma defasada, pois

não há uma preocupação que possa, de fato, levar o aluno a refletir de forma mais profunda acerca do que foi lido capaz de oferecer instrumentos eficazes de promoção frente suas necessidades básicas em prol de uma educação que se emancipa e se projeta diante às suas mudanças.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (KLEIMAN, 2001, p. 59).

Com base na abordagem de Martins (2003, p. 65), podemos observar que a ação da leitura vai além da decodificação, ultrapassando a ideia de que ler consiste em compreender o mundo a sua volta, considerando o nível cultural e intelectual através da ação coletiva que se dá no processo grupal, na convivência e no respaldo de uma educação aberta as mudanças e ao desenvolvimento do sujeito, enquanto parte do processo educacional.

A escola cabe o poder de refletir a ação didática quanto ao desenvolvimento da aprendizagem leitora no espaço escolar fazendo com que cada segmento presente no meio educacional possa de fato refletir o processo educacional oferecendo uma educação ativa e transformadora aberta ao novo, criando e oportunizando a novas práticas educativas em benefício de uma ação que bem representada possa de fato colaborar com o processo educacional. Sendo assim, cabe ao professor de Língua Portuguesa, ou mesmo aquele lotado na sala de leitura despertar no aluno o gosto pela leitura em busca de uma aprendizagem voltada para o exercício da cidadania.

Desta forma, a prática da leitura no espaço escolar não pode ocorrer de forma isolada ou mesmo somente análise das aulas de Língua Portuguesa, mas de forma interdisciplinarizada, com ênfase no processo educativo, e não apenas da codificação desta, muitos educadores apregoam a necessidade da constituição do “hábito de ler”. No entanto, ler é mais que compreender, é assimilar o que está escrito fazendo percursos viáveis dentro das necessidades humanas em busca por uma ação colegiada construída no coletivo através da ação reflexão e ação desenvolvida de forma significativa sem nenhuma imposição. Diante da abordagem colocada podemos perceber que o processo de construção leitora se dá em todas as etapas da vida humana e perpassa em todas as idades até o fim da vida de nossos alunos despertando maior integração na leitura de mundo.

A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Mas sabemos que as escolas, principalmente as públicas, passam pelo que se chama de “crise de leitura”. Isto significa a ausência de leitura, de textos escritos, principalmente livros. (FREIRE, 2000, p.65).

Pode-se perceber a dimensão assumida pela leitura no espaço educativo em prol de uma ação fortalecida em todas as disciplinas que compõem o currículo escolar despertando maior integração e colaboração em prol de uma educação transformadora eficaz. É na leitura que o aluno produz o conhecimento necessário ao processo educacional despertando interesse entre a Literatura e o mundo real através da diversidade de gêneros que circulam na sociedade.

Cabe ao professor apenas fazer com que os alunos percebam a importância que se propõe a ação leitora em prol de uma reflexão que assuma sua decisão quanto ao desenvolvimento da aprendizagem enquanto necessidade básica. Ainda podemos entender que a leitura representa a ponte entre o aluno e o conhecimento em função de uma aprendizagem leitora que proporciona novas oportunidades de uma educação cidadã.

Essa forma de compreensão da realidade permite novas aprendizagens em prol de um contexto pedagógico desenvolvido na ação coletiva e no saber fazer, ser e conviver, sendo estes pilares responsáveis pelo o processo educativo. A escola cabe ainda o papel de assumir uma postura adequada para que possa formar leitores e escritores capazes de compreender o mundo a sua volta trazendo novas descobertas e novas formas de aprendizagens em prol do crescimento acadêmico do aluno ao vislumbrar o mundo da leitura e da escrita como possibilidade de um mundo melhor e mais justo.

Pois, é papel da escola construir novas formas de aprendizagens desenvolvidas em prol do crescimento intelectual do aluno em busca por uma nova abordagem social diante de sua ação coletiva na perspectiva de uma educação inovadora e eficaz que colabora com o desenvolvimento do aluno em sua ação para aprender e desenvolver suas possibilidades na busca pelo diferente em seus vários aspectos sociais.

O Brasil, em termos de publicação, distribuição e venda de material impresso, principalmente livros, ainda está um pouco defasado, havendo também uma grande carência de bibliotecas. Mas as ofertas de livros vêm aumentando, inclusive a preços acessíveis a camadas mais amplas da população. (MARTINS, 2003, p.51)

É preciso que a escola adote uma postura pedagógica de aproximar o aluno a leitura fazendo-se perceber que a leitura não se trata de uma necessidade escolar, mas da própria vida do aluno diante de sua ação no espaço pedagógico.

Portanto, ao falarmos em processo de desenvolvimento de leitura, logo vem a nossa mente a leitura de um livro, jornal, revista, folheto. Mas o mais comum é associarmos a ideia ao livro.

A leitura está presente em todas as etapas de nossas vidas e nos acompanha até à morte. É preciso ler as entrelinhas para se entender a dinâmica do processo educacional em virtude de uma educação peculiar ao nosso projeto de ação educativa despertando entre suas partes maiores possibilidades de uma educação significativa. Isso pode acontecer também em relação às pessoas com as quais convivemos. Será que isso também ocorre com a leitura de um texto escrito? Nem sempre. Mas devemos entender a dimensão da leitura seja através dos mais diversos tipos de gêneros literários, ou mesmo através da ação coletiva envolvendo o processo educativo.

Com frequência folheamos um livro mecanicamente, “passando os olhos” pela leitura, como se o que estivéssemos lendo nada nos acrescentasse. Reagimos assim quando aquela leitura não interessa, quando não sentimos a necessidade de lê-la. Se o texto for composto de gravuras e não nos chamou a atenção, não despertou nosso interesse pelo assunto, então olhamos, mas não interagimos com o texto lido. (MARTINS, 2003, p.76).

Com base na colocação do autor, podemos analisar que a ação leitora é mais que passar os olhos sobre o que está escrito, admitindo uma nova postura do leitor de compreender o que está escrito buscando acrescentar ao seu mundo uma nova forma para compreender suas necessidades básicas de forma significativa e de forma coletiva sendo permitidas novas aberturas de uma ação coletiva que colabora para o desenvolvimento de novas possibilidades de aprendizagens nas quais a leitura ocupa espaço preponderante no universo da leitura.

A partir das considerações propostas acerca do universo leitor e da formação leitora construída de forma significativa na perspectiva para que possamos praticar a leitura de forma significativa, é que precisamos despertar nos alunos um interesse maior pelo o que leem, fazendo da leitura algo que chame atenção, o aluno ao observar um livro, um texto veja muito mais que sinais gráficos e sim algo que encha seus olhos, chamando sua atenção para a importância da leitura necessária a sua inserção dentro do espaço social, bem como assumindo uma nova dimensão diante daquilo que a escola muitas vezes não consegue construir com o aluno esse espírito empreendedor de leitor compreensivo de sua realidade.

3.1 Formação Leitora do Aluno no espaço escolar

Diante do papel atribuído ao desenvolvimento humano, a leitura é uma necessidade do homem social que o acompanha por toda sua vida garantindo maior eficiência do processo de aprendizagem em prol de seu crescimento intelectual e social.

Desde os primeiros anos de vida começamos a conviver com muitas coisas ao nosso redor. Começando pelo berço, a mãe, a família, dentre outros, enquanto “lemos” gravamos tudo em nosso cérebro, processo que chamamos de aprendizagem natural. Quando a criança é encaminhada à escola, já leva consigo mesmo uma série de aprendizagens que só irão fazê-la se desenvolver mais rapidamente no que se referem à aprendizagem de leitura e escrita. (SMITH, 1999, p.54).

Diante da abordagem da autora podemos entender que a leitura de mundo é mais que o processo de decodificação escrita permitindo que novas aprendizagens sejam desenvolvidas no interior do processo educacional colaborando para que o processo de aprender ocorra de forma significativa atendendo as peculiaridades da escola em sua função social de educar para o progresso da pessoa humana indo de encontro com a proposta pedagógica da escola em seu meio social. A leitura é indispensável ao homem dentro da sociedade que se denomina como tecnológica e científica descrevendo sua ação construída no coletivo através do processo educativo.

O esquecimento é um instrumento de defesa, com isto podemos perceber que o ser humano busca de uma forma inconsciente guardar na memória algo que não foi muito importante em sua vida, deixando ai este conhecimento esquecido até um dia em que este possa vir a ser importante para o seu dia a dia. (MARTINS, 2003, p.65).

Diante da proposta do autor com relação ao desenvolvimento da aprendizagem leitora, nos mostra, o quanto é importante desenvolver nas crianças e adolescentes a importância da leitura na sua vida, visto que ao armazenarmos conhecimentos em nossa memória, que poderão ter um significado muito importante no nosso futuro, servindo como base para uma vida mais próspera, com mais facilidade para desenvolver as habilidades de leitura.

Segundo Martins (2003, p.67), se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e situação social, política, econômica e cultural.

Isso leva a entender que o processo de leitura ocorre com mais frequência na escola, mas isso não quer dizer que o aluno tenha que manter essa prática somente na escola. Trata-se de uma ação que deve fazer parte de toda a vida humana fazendo-se

entender sua importância no contexto do aluno e na vida das pessoas percebendo-se a importância que esta colabora para o enriquecimento da aprendizagem humana.

Desde a época grega e romana, o saber ler era algo exclusivo dos que tinham o poder e dos homens livres, portanto era privilégio de poucos. O aprendizado se dava de maneira muito rígida e ocorria sempre com base na codificação dos símbolos. Primeiro decorava-se o alfabeto, depois se soletrava e por fim decoravam-se as palavras isoladas. (KLEIMAN, 2001, p.76).

Atualmente as coisas não são tão diferentes como pensávamos, infelizmente, muitos educadores ainda utiliza deste método tradicional para alfabetizar seus educandos de forma significativa. Prevalece o “aprender” sem saber o porquê ou “para quê”, impossibilitando o aluno compreender o verdadeiro significado da leitura, sua função e seu papel na sociedade. Mas também não podemos afirmar que qualquer outro método mais moderado de leitura possa levar o indivíduo, saber valorizar o ato de ler no sentido do seu vínculo constante com o mundo que o cerca, conquistando sua autonomia, seu lugar no espaço de que faz parte.

O hábito de formação leitora tão falada no meio social e colocada na proposta da escola precisa assumir uma postura reflexiva que se proponha novas aprendizagens de leitura, fazendo-se entender a dimensão construída pela leitura no espaço escolar colaborando para que novas aprendizagens sejam desenvolvidas no interior da escola e que perpassam seu papel ao redor da instituição por ela representada. Sem dúvida de que a leitura representa um fator necessário e importante à formação acadêmica do aluno em vista de uma nova proposta educativa que colabora para o crescimento intelectual do aluno em seu projeto político pedagógico valorizando o poder significativo de uma aprendizagem leitora permeada por valores essenciais ao crescimento intelectual do sujeito no meio educacional.

Ensinar leitura e escrita dentro do espaço da escola, em sua função social de integração que compõem a comunidade escolar consiste no pleno desenvolvimento de habilidades para compreensão da leitura como meio social, fazendo-se entender a dimensão para interpretar os mais diferentes tipos e gêneros de textos que circulam no meio social de nossos alunos, gestores, professores e comunidade escolar inserida no espaço da escola, enquanto ponte do conhecimento que visa formar leitores eficientes.

A leitura faz parte do cotidiano – lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, para buscar diversão e descontração, que começa fora da escola e continua dentro dela. É necessário ler. Ler é transformar a escrita em fala. Ler é decodificar mensagens. Ler é interagir. Ler é compreender e interpretar. Ler, sobretudo, para aprender a arte de escrever. (SMITH, 1999, p.78).

Com base no que se propõe o autor, podemos perceber que a leitura assume dimensões relevantes no processo educacional, fazendo-se compreender a importância dada no espaço pedagógico vivenciado pela escola, com ações bem significativas que valoriza a ação coletiva, pois ler requer por parte de seus leitores maior integração com a vida de forma colegiada e democrática. Ler é interagir com o meio educacional trazendo novas possibilidades de uma sociedade melhor que bem apoiada no processo educativo colabora para que tenhamos uma sociedade justa, humana e igualitária, sem perder de vista a formação do ser humano. Ler é compreender e interpretar. Ler, sobretudo, para aprender a arte de escrever.

O ato de ler é um processo dinâmico e ativo, pois ler um “texto” implica não só aprender o seu significado, mas também trazer para esse texto nossa experiência e nossa visão de mundo como leitor. Ao conceber o ato de ler, como um processo dinâmico, está se priorizando a formação de um leitor crítico e criativo. É claro que a formação do leitor não depende exclusivamente da escola, mas ela tem uma parcela significativa de responsabilidade nesse processo. (PILLETTE, 2001, p.60).

Como podemos observar na proposta de Pillette (2001), a ação leitora no espaço escolar não se reduz ao mero espaço leitor de um texto proposto em sala de aula, mas toda forma de observação leitora ocorrida no espaço escolar que possa de fato, contribuir para o desenvolvimento das habilidades de aprendizagem em prol de uma ação coletiva e significativa.

O texto trabalhado pelo aluno, seja na escola ou não, precisa servir de apoio diante de suas necessidades cotidianas em virtude de uma educação fortalecida pela ação coletiva aberta às mudanças em prol do crescimento intelectual do sujeito que veem na leitura um meio e não um fim para a formação de sua compreensão de mundo que o cerca dentro da sociedade.

A leitura assume dimensões de caráter significativo quando ao pleno desenvolvimento do acesso ao conhecimento enquanto base de uma nova sociedade, compartilhando os saberes necessários à formação docente e discente com base em uma sociedade justa, humana e igualitária que visa corresponder aos anseios que marcam a nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar as dificuldades do processo de letramento nos anos finais, salientando aspectos relevantes sobre o processo de leitura e de escrita, mostrou vários pontos positivos como formar um leitor competente, dentro de seus próprios limites, apresentaram-se de certa forma conclusivos. Na medida em que exploram certos pontos metodológicos e avaliam os resultados de toma-los como hipótese do trabalho monográfico.

Considerando-se de fundamental importância a pesquisa bibliográfica, pois nos dá um suporte maior na elaboração do trabalho, onde possamos procurar meios para minimizar os problemas enfrentados nos anos iniciais, sobre leitura e escrita, um processo lento, mas que aos poucos será solucionado, com apoios de professores habilitados no contexto educacional. Tem que se colocar para que se possa tirar as conclusões do modelo de ensino, com base no trabalho que foi desenvolvido, a respeito do tema abordado. Este trabalho foi realizado nos anos iniciais, buscando conhecer e aprender a lidar com os alunos de diferentes origens sociais, de diferentes hábitos linguísticos, de diferentes valores e comportamentos individuais.

Durante a análise do trabalho, ficaram as evidências benéficas, para a aprendizagem de leitura e escrita, uma rica interação, que com certeza irá servir como meios de aprofundamento para professores das redes públicas, oferecendo atividades que possam ser um suporte contextual necessário, para as primeiras manifestações possíveis de escrita ganhando sua significação atualizada.

A leitura e escrita se apresentam como requisitos fundamentais tanto ao desenvolvimento cognitivo e motor da criança, quanto à socialização e a aprendizagem. A alfabetização torna-se mais coerente, dessa maneira, vai construindo seu aprendizado. Porém, é de suma importância que haja, da parte do professor, um planejamento diversificado almejando, principalmente, o amplo desenvolvimento da criança levando-a ao aperfeiçoamento e avanço na sua aprendizagem. Cabe ao professor, em seu papel mediador, proporcionar atividades que desafiem seus alunos e os desenvolvam em sua totalidade. Como o professor vive em busca para uma metodologia melhor e mais adequada, entra nesse contexto a ludicidade, que pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do ser humano, facilitando no processo de socialização, de comunicação, de expressão na construção do pensamento, além de auxiliar na aprendizagem.

Considerando a importância do meio social para a formação integral do ser humano, foi possível constatar que os professores compreendem que o papel do adulto é o de servir como mediador entre a criança e o mundo. As relações sociais além familiares ampliam essa mediação ao oferecer à criança uma diversidade de situações na qual tenha que elaborar novos mecanismos de compreensão de fatos, conceitos e atitudes.

Pode-se concluir que é no período escolar que a ampliação dessas relações ganha maior significatividade por ser um período em que a criança constrói para si a concepção social do mundo enquanto relações humanas além familiares. Ainda, pode-se dizer que, para a maioria dos docentes, a afetividade pode ser mais bem expressada no campo da comunicação oral e dialética à medida que proporcione liberdade e respeito às ideias infantis e seus conhecimentos prévios.

Uma aprendizagem permeada pelo prazer da descoberta, da ação e da transformação será mais bem sintetizada quando acontecida num ambiente acolhedor que proporcione à criança a interação social. Aquilo que desperta sentimentos e se traduzem em emoções marcam toda vida humana.

Ao concluir este trabalho constatou-se que a leitura e escrita, são veículos que possibilitam o crescimento da criança, dando oportunidade a ela de descobrir, posicionar em relação a si mesma, explorar o mundo e a sociedade em que vive. O espaço deve atrair a atenção das crianças, onde serão deixados ao alcance delas, com materiais alternativos pelos quais a criança aprende e entra em contato com o mundo à sua volta. É fundamental ressaltar a ação da escola no campo da alfabetização

Enfim, a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita deve articular de modo dinâmico, os dois processos que não podem ficar separados: a leitura e a escrita. Espera-se que a leitura e a escrita provoque nos alfabetizadores o desejo por uma revisão da dimensão pedagógica, no meio educacional. É com base nesse trabalho, eu espero ter mostrado que é possível modificar ou até mesmo solucionar profundamente o fracasso de leitura e escrita, mesmo em condições habituais da rede pública do ensino e com materiais didáticos simples, ajudando no seu próprio conhecimento.

A análise das informações obtidas na pesquisa apresentada nesse artigo e as contribuições trazidas pela ação cultural da leitura permitiram problematizar as afirmações sobre a ausência de leitura nos meios populares e suas consequências cognitivas.

Pode-se relacionar este fato ao baixo poder aquisitivo, à falta de influências da família e a forma como a escola pratica a leitura, utilizando como instrumento principal apenas o livro didático. A leitura ocupa um espaço de grande relevância no processo educacional em virtude de uma educação que colabora para que novas aprendizagens sejam desenvolvidas no espaço sócio pedagógico em prol do crescimento do ser humano.

A responsabilidade para tornar o ato de ler um fato concreto está nas mãos da escola, é ela o principal instrumento de transformação dos alunos em prol de uma ação coletiva que caminha em prol do sucesso da aprendizagem incutindo nestes a importância da leitura para sua realização intelectual, para a fim de tornarem cidadãos críticos e participativos em seu processo educativo, pois a leitura possibilita ao educando um leque de informações que facilitará sua vida em sociedade, fazendo com que o mesmo participe de forma mais efetiva nas decisões que possam ocorrer no seu universo educacional.

A prática da leitura não pode, em hipótese nenhuma ser objeto mecânico, mas dinâmico que consiste no desenvolvimento de ações significativas envolvendo o progresso da aprendizagem enquanto manifestação humana. A leitura mecânica não deve ter espaço no meio educacional, pois não é suficiente para formar um bom leitor, é preciso entender a dimensão assumida no espaço social e pedagógico.

O professor não deve se preocupar apenas em quantos textos ou livros o aluno lê por ano, mas a verdadeira mensagem que estes livros deixaram em seus interlocutores colaborando de forma significativa para seu intelecto. Cabe à escola tornar a leitura um ato reflexivo de grande significado, na qual o leitor consiga interpretar de forma significativa o que está escrito nas entrelinhas do texto, onde este possa interagir de forma intertextualidade em prol do crescimento intelectual do sujeito social de forma dinâmica e significativa. Ao aluno cabe o poder transformador de uma leitura dinâmica aberta às inovações colaborando de forma significativa com seu progresso diante de seu papel de educar com objetivos bem definidos que possam de fato construir o aprendizado necessário ao exercício da democracia em busca por uma educação crítica e democrática.

Diante da pesquisa construída, é preciso tratar a prática da leitura no espaço pedagógico de forma diferenciada, uma vez que a leitura não pode ser vivenciada no espaço escolar como mera decodificação de sinais gráficos, prática essa que consiste em trabalhar com textos fragmentados e com respostas prontas para seus questionários, isto torna o ato de ler enfadonho, mecânico e, dessa forma, distante do que realmente se faz necessário para que se tenha uma boa leitura.

A escola quando não consegue apresentar a leitura de forma significativa para o aluno, colabora para que esta prática leitora seja insatisfatória e possa afastar o aluno da existência de um universo crítico, deixando-o à margem da sociedade, e como a leitura é algo muito importante para o desenvolvimento em vários aspectos de sua vida, vê-se como é importante criar situações na qual nossos alunos desde os primeiros anos escolares possam ter uma ligação mais efetiva com os diversos textos que circulam dentro do espaço social que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- COLOMER; Campos. Ensinar a ler e ensinar a compreender. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- KLEIMAN, Ângela B. Letramento e formação do professor. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo, Cortez, 2000.
- GERALDI, João Vanderlei. O Texto em sala de aula. São Paulo: Ática. 2003.
- MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: brasiliense, 2003.
- MICOTTI, M. C. O. Leitura e escrita – Como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos. São Paulo: Contexto, 2009.
- MORAIS, A. G. A apropriação do sistema de notação alfabética e desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica, Porto Alegre: Letras hoje, 2004.
- PILETTE, Claudino. Didática Especial. São Paulo: Ática, 2001.
- SMITH, Frank. Compreendendo a leitura – uma análise da psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: São Paulo: Contexto, 2010.
- SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TEBEROSKY, A. Psicopedagogia da linguagem escrita. Campinas-SP: Trajetória Cultural/ Ed. da Unicamp, 1989.